

Estruturas Epistemológicas

A **Galeria Millan** apresenta o projeto **Estruturas Epistemológicas**, uma seleção de obras de nove artistas: Maya Weishof, Feliciano Centurión, Jaider Esbell, Regina Parra, Thiago Martins de Melo, Miguel Rio Branco, Henrique Oliveira, Emmanuel Nassar e Tunga. A partir do conceito de epistemologia, a proposta busca enxergar além dos cânones existentes da produção artística, apontando para outras organizações do fazer artístico consciente.

Epistemologia, conceito que questiona a origem e os limites do conhecimento humano, compreende a análise das relações que se estabelecem entre sujeito e objeto. No campo da arte, tal dualidade pode ser ancorada em múltiplas configurações, levando em consideração o percurso do trabalho de arte desde seu contexto de produção. Mediado por uma série de fatores que o legitimam institucionalmente, o trabalho de arte pode incorrer em ambos os papéis: ora sujeito, ora objeto. Este projeto explicita esta variação em cada trabalho apresentado, ainda que todos demonstrem como eixo comum uma intenção crítica epistemológica da arte.

Neste eixo comum, a noção de hegemonia, elaborada por Antonio Gramsci, aparece como ferramenta fundamental e traduz-se em um longo processo histórico e cultural no campo do exercício do poder. Em suma, a ótica crítica de Gramsci ao processo hegemônico deve-se a seu efeito condicionante sobre todo o bloco social a partir de uma ideologia dominante. Desprovido de consciência crítica, o pensamento hegemônico resulta em um contraste entre o pensar e o agir e — se pudermos desenvolver em direção ao campo da arte — na narração de uma história da arte única e restrita.

Cabe ao pensamento crítico desconstituir esta unidade, ao criar narrativas contra-hegemônicas. Estruturas Epistemológicas busca investigar os paradigmas da construção desta história da arte, sem camuflar suas dimensões dominantes pré-concebidas, respondendo diretamente a elas.

Phanógrafo, de **Tunga** enuncia a questão inicial: é a obra decorrente da narrativa ou, ao contrário, a narrativa que decorre da obra? Neste trabalho, a história é o suporte do tempo imaginado e apresenta no tempo vivido um testemunho ou uma cena que comprova aquela história. Líquidos decantados de algum processo desconhecido estão ali armazenados em garrafas penduradas dentro de caixas acolchoadas. Estes indícios nos sugerem que, independentemente do fato, a história pode ser contada, revisitada e experienciada novamente.

Em paralelo, a prática de Thiago Martins de Melo demonstra uma escolha evidente por uma outra narração da história social e política brasileira na

arte. Aqui, obra e narrativa são reciprocamente sujeito e objeto. Martins de Melo reúne diferentes crenças míticas e populares, histórias de culturas afrobrasileiras e indígenas, em direção à oficialização de uma história dos vencidos. Suas pinturas tridimensionais tornam-se palco para uma resistência do passado, ao passo que reivindicam a consciência de que a arte carrega em si a responsabilidade de narrar – e, com isso, disputar a narrativa.

O desvelamento de uma outra narrativa da história é também essencial nos trabalhos de **Jaider Esbell**. Veste de Parixara, Amamentação, Antes e depois do pesadelo, Casas de cura e Aqueles que andaram o mundo todo já anunciam em seus títulos que algo nos será contado. Esbell parte da noção de artivismo — neologismo conceitual que abrange tanto o campo da arte quanto das ciências sociais — para combinar pintura, escrita, desenho e performance a discussões entre narrativas míticas originárias e espiritualidade. Assim como Martins de Melo, seus trabalhos constituem uma outra epistemologia da história da arte, porque operam através da vivência de outra conformação.

Transitando entre a o filme e a pintura, a poética de **Regina Parra** projeta sua própria figura como objeto de estudo. Investigando os limites do corpo na representação, Parra cria um enredo a partir da identidade da mulher no contexto do tecido social e provoca um enfrentamento direto com relação ao discurso dominante. Ao tratar de temas como opressão, insubordinação e resistência feminina no campo objetivo, exibe em primeiro plano uma realidade subjetiva e interior.

Por outro lado, algumas reflexões epistemológicas da produção artística baseiam-se no diálogo direto com a história oficial e suas referências. Desta operação também podem-se determinar colocações contra-hegemônicas, na medida em que se apropriam da linguagem para refazê-la. Yellow shoes thinking of Max Ernst, de **Miguel Rio Branco**, é um diálogo direto com uma referência histórica, não somente pelo seu enunciado, mas a partir dos elementos constitutivos da imagem criada. Rio Branco estabelece uma relação dialética com a produção de Ernst: ao mesmo tempo em que se aproximam através da cor e das formas retratadas, estes mesmos aspectos, uma vez construídos na fotografia, reformulam de maneira única os elementos iniciais do artista alemão.

De maneira semelhante, *Noite estrelada*, de **Maya Weishof**, opera na mesma dimensão. Com título idêntico à canonizada tela de van Gogh, Weishof reformula um imaginário estabelecido conforme a adição de tons vibrantes e quentes e figuras excessivas, aludindo tão logo a um universo onírico que se apresenta quase que como o oposto da primeira pintura. Em Weishof, a experiência artística anuncia que o devaneio, a fantasia e o sonho podem ser livremente recriados, podendo transgredir as convenções da narrativa formal.

Em consonância com o trabalho de Weishof, *EXLP17*, *EXLP16* e *EXLP15*, de **Henrique Oliveira**, habilitam o observador a uma experiência sensorial. Nesta configuração, a proposição de uma outra estrutura epistemológica encontra uma centralidade argumentativa na matéria. A conjunção de materiais e técnicas se emaranham em uma nova substância que escolhe sair da parede. A obra se projeta autonomamente no espaço e convida o pensamento tradicional a questionar-se sobre o enigma de sua técnica, material, suporte e classificação. Enfim, pode-se dizer que, ao desafiar categorias consolidadas, a obra se retira do espaço tradicional para criar novas propriedades para a experiência artística.

O artista paraguaio **Feliciano Centurión** cria em suas obras uma iconografia singular que envolve temas populares e domésticos, muitas vezes considerados prosaicos e de importância periférica. De outro lado, as soluções formais e os elementos nos trabalhos de **Emmanuel Nassar** também se aproximam do espectro do corriqueiro e do popular. Não à toa, Gramsci já apostava na construção de uma contra-hegemonia a partir das culturas populares.

A obra da série *Mirada*, de Centurión, e *Arraial*, de Nassar, apresentam um elemento central comum que faz parecer que o trabalho nos fita; é ele quem nos analisa. Nessa configuração, a obra é sujeito ativo; perante nós, convidados a assumir o lugar do objeto. Estes aportes, de Centurión e Nassar, desafiam as estéticas hegemônicas que categorizaram e priorizaram algumas práticas em detrimento de outras, com base em critérios de apresentações espetaculares, escamoteando uma variedade de técnicas. Seus trabalhos, no entanto, vão ainda além, ao tomar de assalto do espectador seu papel de fruidor, contrariando a normativa do trabalho de arte enquanto objeto inerte.

A sucessão discursiva tal qual a entendemos no curso da história da arte é, com efeito, um grande debate epistemológico. Nesse contexto, a tarefa de enfrentar tal debate na forma de contra-fluxo é também a construção de uma autonomia do pensamento artístico e constitui o eixo central deste projeto.





Tunga
Phanógrafo, 2009
Tecido, madeira, vidro, espelho,
cristal, resina, esponja, cordoalha
de aço e água cromatizada
85 x 34 x 31 cm Foto: Gabi Carrera



Detalhe **Tunga**Sem título, s.d.



TungaSem título, s.d. Vidro e ímãs 46 x 46 x 23 cm Foto: Filipe Berndt



Tunga Sem título, 2010 Ferro, cordoalha de aço Edição de 3 150 x 200 x 170 cm Foto: Filipe Berndt

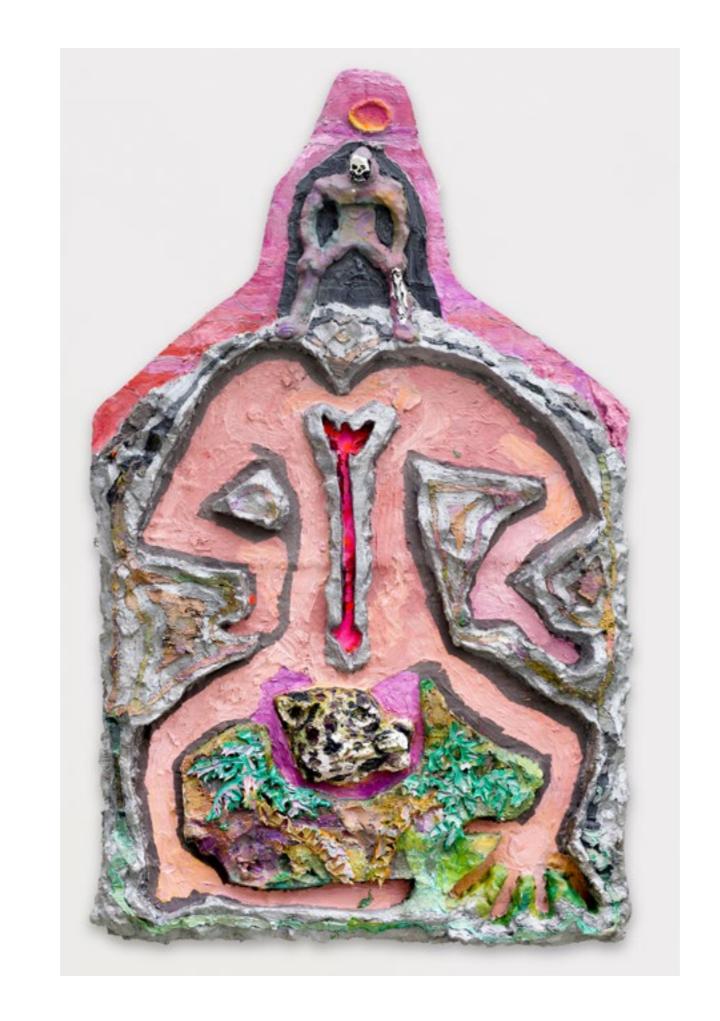
sobre Tunga

1952, Palmares, PE, Brasil - 2016, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

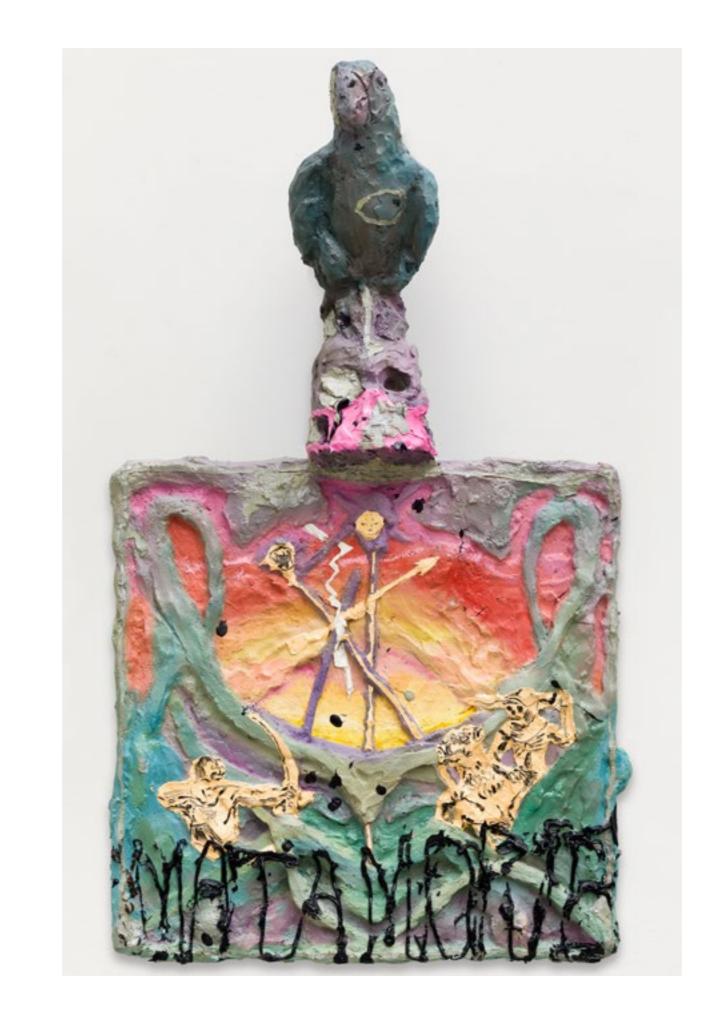
Formado em arquitetura pela Universidade do Rio de Janeiro, fundou, na década de 1970, juntamente com os artistas Cildo Meireles, Waltercio Caldas e José Resende, a revista *Malasartes* e o jornal *A Parte do Fogo*, de curta duração. Realizou exposições individuais em instituições importantes, como o Museu de Arte de São Paulo – MASP, SP, Brasil (2017) Centre d'Art et de la Nature, Domaine de Chaumont-sur-Loire, França (2015); MoMA PS1, Nova York, EUA (2008); Musée do Louvre, Paris, França (2005); Galerie Nationale du Jeu de Paume, Paris, França (2001); Phoenix Art Museum, EUA (1998); Museum of Contemporary Art, Miami; Bard College – Center for Curatorial Studies, Nova York, EUA (1997); Museum of Contemporary Art of Chicago, EUA; Kanaal Art Foundation, Kortrijk, Bélgica; Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (1989); e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ (1974). Em 2012, o Instituto Inhotim (Brumadinho, MG) inaugurou um segundo pavilhão dedicado a sua prática.

Tunga participou de diversas exposições coletivas e Bienais em todo o mundo, incluindo Pinacoteca de São Paulo, SP, Brasil (2018); Museu de Arte Moderna, Varsóvia, Polônia (2017); Bienal de São Paulo, SP (1981, 1987, 1994, 1998, 2013 e 2018); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha (2001); Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2001); Bienal de Lyon, França (2000); Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS (1999); Documenta X, Kassel, Alemanha (1997); Bienal de la Habana, Cuba (1994); Museum of Modern Art, Nova York, EUA (1993); Ludwig Museum, Köln, Alemanha (1993); Museum of Modern Art, Nova York, EUA (1993); Gallerie Nationale du Jeu de Paume, Paris, França (1992); Kanaal Foundation, Bélgica; Stedelijk Museum, Holanda (1989); Museu de Arte Contemporânea de Hara, Tóquio, Japão (1985); e Bienal de Veneza, Itália (1982).

Seu trabalho integra importantes coleções públicas, como o Peggy Guggenheim, Veneza, Itália; Tate Modern, Londres, Reino Unido; The Museum of Fine Arts, Houston, EUA; Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA; Château la Coste, Le Puy-Sainte-Réparade, França; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP; Museum of Modern Art, Nova York, EUA; Instituto Inhotim, Brumadinho, MG; Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires, Argentina; Museo de Arte Moderno de Bogotá, Colômbia; entre outros.



Thiago Martins de Melo Entardecer do último dia, 2021 Óleo sobre fibra de vidro 83 x 51,5 x 13 cm Foto: Bruno Leão



Thiago Martins de Melo Flecha que mata morte, 2021 Óleo sobre espuma expansiva de poliuretano estrutural, fibra de vidro e ferro 92 x 50 x 33 cm Foto: Bruno Leão





Thiago Martins de Melo
O Taumaturgo, 2021
Óleo sobre tela, resina de poliéster
a base de fibra de vidro 59 x 49 x 16 cm

Foto: Bruno Leão





Thiago Martins de Melo Chama nas entranhas, 2021 Óleo sobre tela, resina de poliéster a base de fibra de vidro 73,5 x 52 x 18 cm Foto: Bruno Leão



sobre Thiago Martins de Melo

1981, São Luís, MA, Brasil Vive e trabalha entre São Luís, São Paulo, Brasil, e Guadalajara, Mexico

Mestre em Psicologia - Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA-PA). Dentre as principais exposições individuais, estão: *Necrobrasiliana* - Museu Nacional da República, Brasília, Brasíl (2019); *Bárbara Balaclava* - *Saco Azul/Maus Hábitos*, Porto, Portugal (2018) e na Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil (2016); *Bárbaro Barroco* - Gamma Galeria, Guadalajara, México (2016); *Teatro Nagô-cartesiano e o Corte Azimutal do Mundo* - Mendes Wood DM, São Paulo, Brasil (2013).

Suas principais participações em coletivas, incluem: La diosa verde reloaded - MAZ Museo de Arte de Zapopan, Jalisco, México (2021); Un continente para Caliban - Videobrasil Pop-Up en Factoria Habana, La Habana Vieja, Cuba (2020); Dear Amazon: The Anthropocene - Ilmin Museum of Art, Seul, Coréia do Sul (2019); Quem não luta tá morto - arte democracia utopia - MAR Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2018); South South - Let me begin again - Goodman Gallery, Cidade do Cabo, África do Sul (2017); Panoramas do Sul - 20° Festival de Arte Contemporânea SESC Videobrasil, São Paulo, Brasil (2017); New Shamans: Contemporary Brazilian Arts - Rubell Family Collection, Rubell Museum, Miami, EUA (2016); The World is Made of Stories - Astrup Fearnley Museum of Modern Art, Oslo, Noruega (2015); Imagine Brazil - DHC/ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2015), no Musée D'art Contemporain de Lyon, Lyon, França (2014); entre outras.

Seus trabalhos integram as coleções permanentes do MASP - Museu de Arte de São Paulo (São Paulo, Brasil); Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil); ARoS Aarhus Kunstmuseum (Aarhus, Dinamarca); Astrup Fearnley Museum of Modern Art (Oslo, Noruega); ICA Miami -Institute of Contemporary Art (Miami, EUA); Ilmin Museum of Art, (Seul, Coréia do Sul); MAR - Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro, Brasil); MAM Rio - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil); PAMM - Pérez Art Museum Miami (Miami, EUA); Rubell Museum (Miami, EUA); Servais Family Collection (Bruxelas, Bélgica); Thyssen-Bornemisza Art Contemporary (Viena, Áustria); entre outros.



Jaider Esbell
Veste de Parixara, 2021
Acrílica e Posca sobre tela
110 x 75 cm
Foto: Filipe Berndt

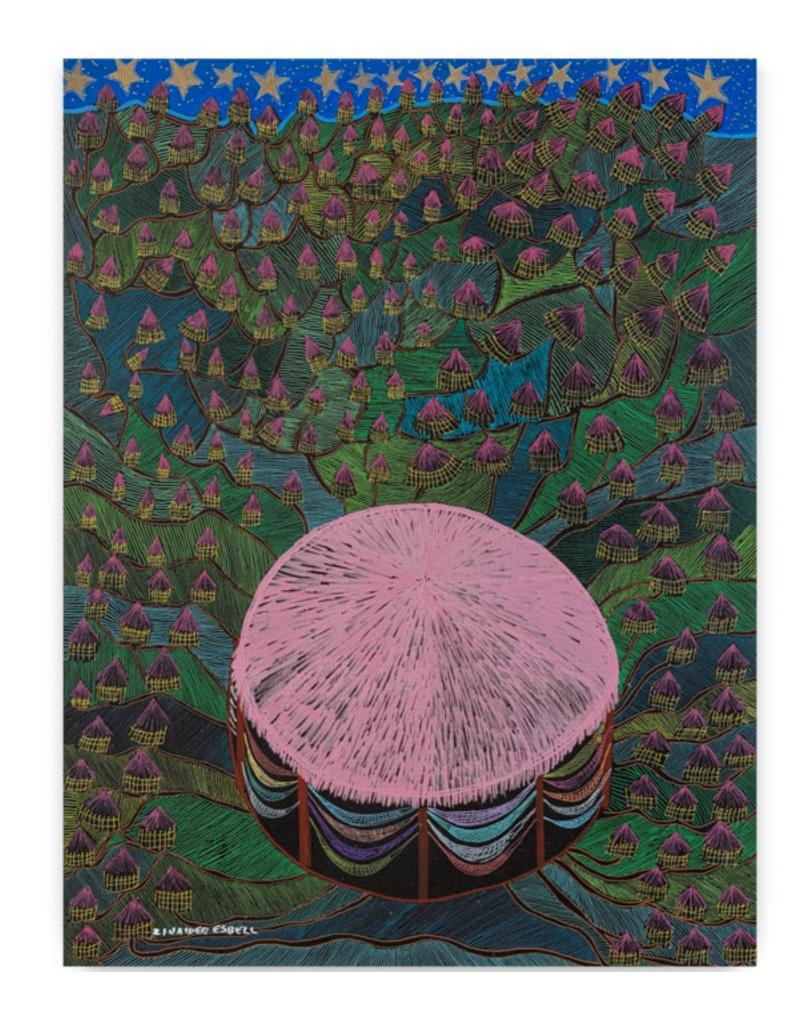


Jaider Esbell Amamentação, 2021 Acrílica sobre tela 110 x 200 cm Foto: Filipe Berndt

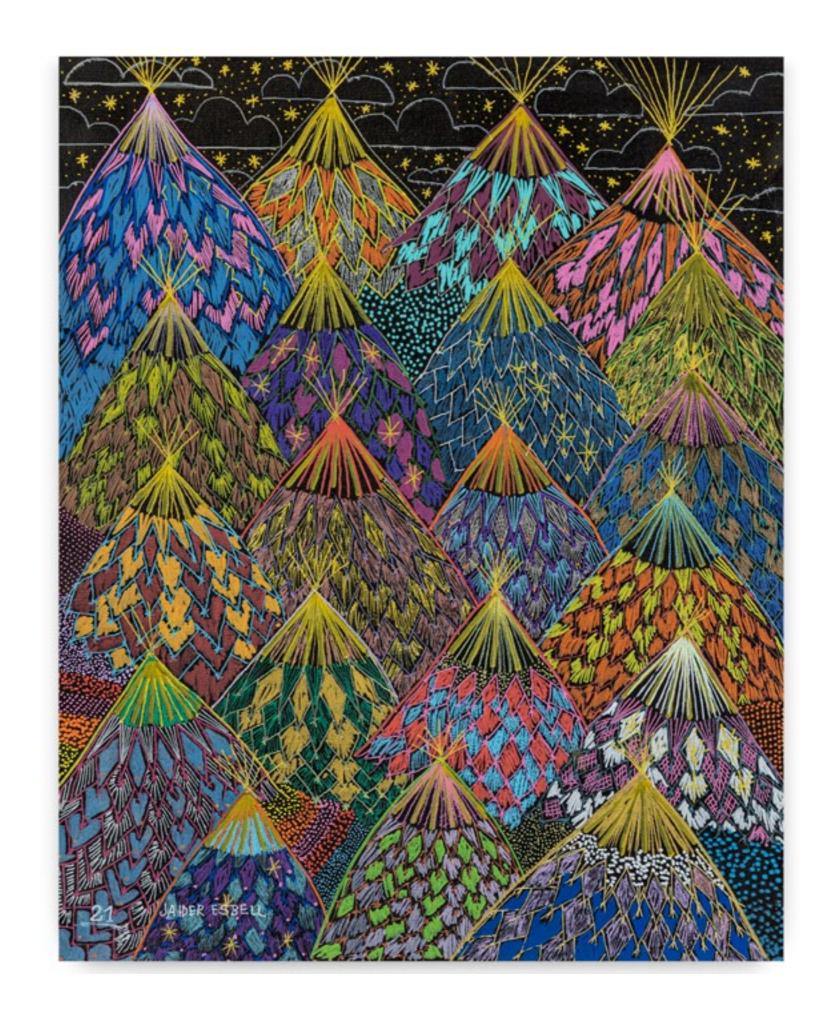




Jaider Esbell
Amamentação, 2021
Acrílica sobre tela
110 x 200 cm
Foto: Filipe Berndt

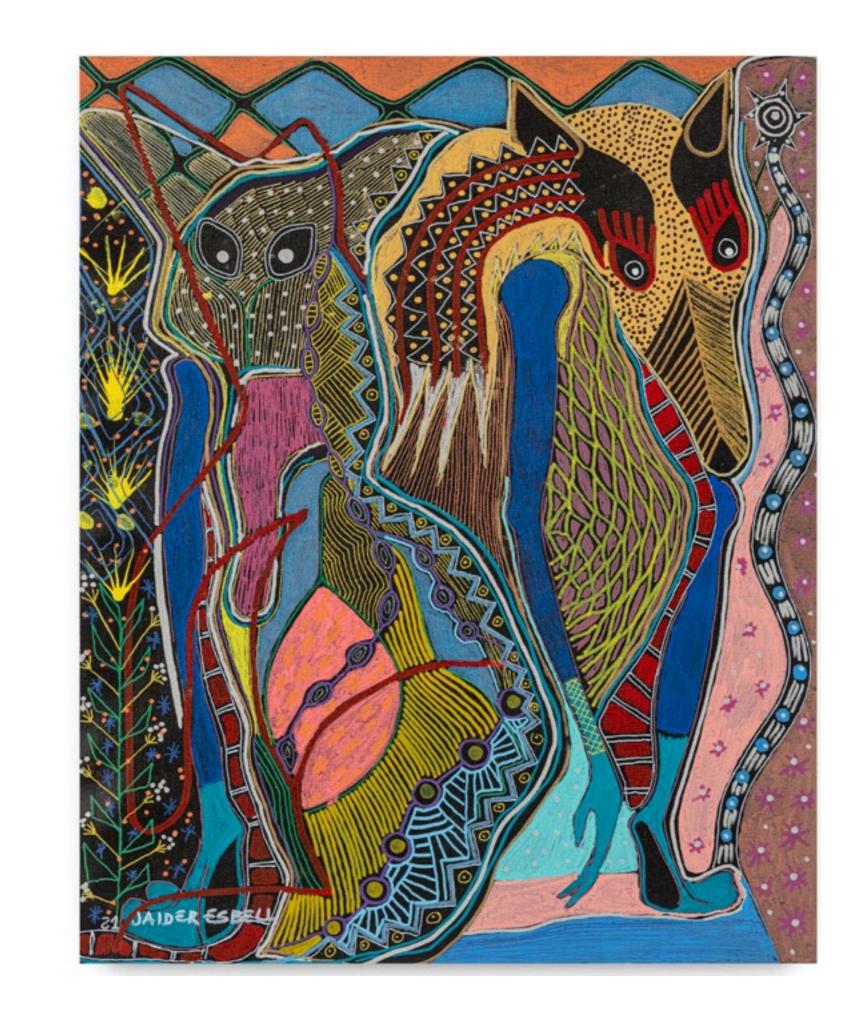


Jaider Esbell
Antes e depois do pesadelo, 2021
Acrílica sobre tela
100 x 76,5 cm
Foto: Filipe Berndt



Jaider Esbell Casas de cura, 2021 Acrílica sobre tela 53 x 42 cm Foto: Filipe Berndt





Jaider Esbell

Aqueles que andam no mundo todo, 2021 Acrílica sobre tela 52 x 42 cm Foto: Filipe Berndt

sobre Jaider Esbell

1979, Normandia, RR, Brasil Vive e trabalha entre Boa Vista, RR, e São Paulo, SP, Brasil

Nascido na região hoje demarcada como a Terra Indígena Raposa Serra do Sol onde viveu até os 18 anos, Jaider Esbell (1979, Normandia, RR), tem contato, ainda na adolescência, com os movimentos sociais e participa de lutas e resistências dos povos indígenas na região, quando então muda-se para a capital do estado de Roraima em 1998. Foi educado em casa, por sua mãe, a quem atribui sua habilidade com a escrita. Em 2010, recebe uma bolsa de estímulo à produção literária (FUNARTE/MinC), que possibilita a edição do seu primeiro livro, publicado em 2012, *Terreiro de Makunaima – Mitos, Lendas e Estórias em Vivências*. A publicação do livro representa a consolidação do trabalho de arte-educação que Esbell vem desenvolvendo autonomamente em escolas indígenas e não indígenas.

Em 2011, inicia as atividades profissionais com artes plásticas de maneira autodidata, quando realiza, em Normandia, sua terra natal, a primeira exposição integrada e profissional chamada *Cabocagem – O Homem na Paisagem*. Dessa forma, o artista passa do anonimato à vanguarda das artes e literatura indígena no estado, e suas expressões se ramificam em outras mídias, como poesia, fotografia e vídeo. Hoje, suas atividades extrapolam o fazer artístico e o colocam em condições de poeta, escritor, arte educador e curador.

Em 2020, o artista expandiu ainda mais sua presença no circuito de arte contemporânea nacional a exemplo de sua participação nas exposições coletivas *Véxoa: Nós sabemos*, Pinacoteca de São Paulo e *34ª Bienal de São Paulo* com obras expostas no pavilhão principal. Em agosto de 2021, Esbell assinará a curadoria da coletiva *Moquém – Surarî: arte indígena contemporânea*, que acontecerá no MAM, São Paulo, como parte da programação dessa última.





Regina Parra A Profana, 2021 Óleo sobre papel 56 x 84 cm (cada) Foto: Adam Reich

sobre **Regina Parra**

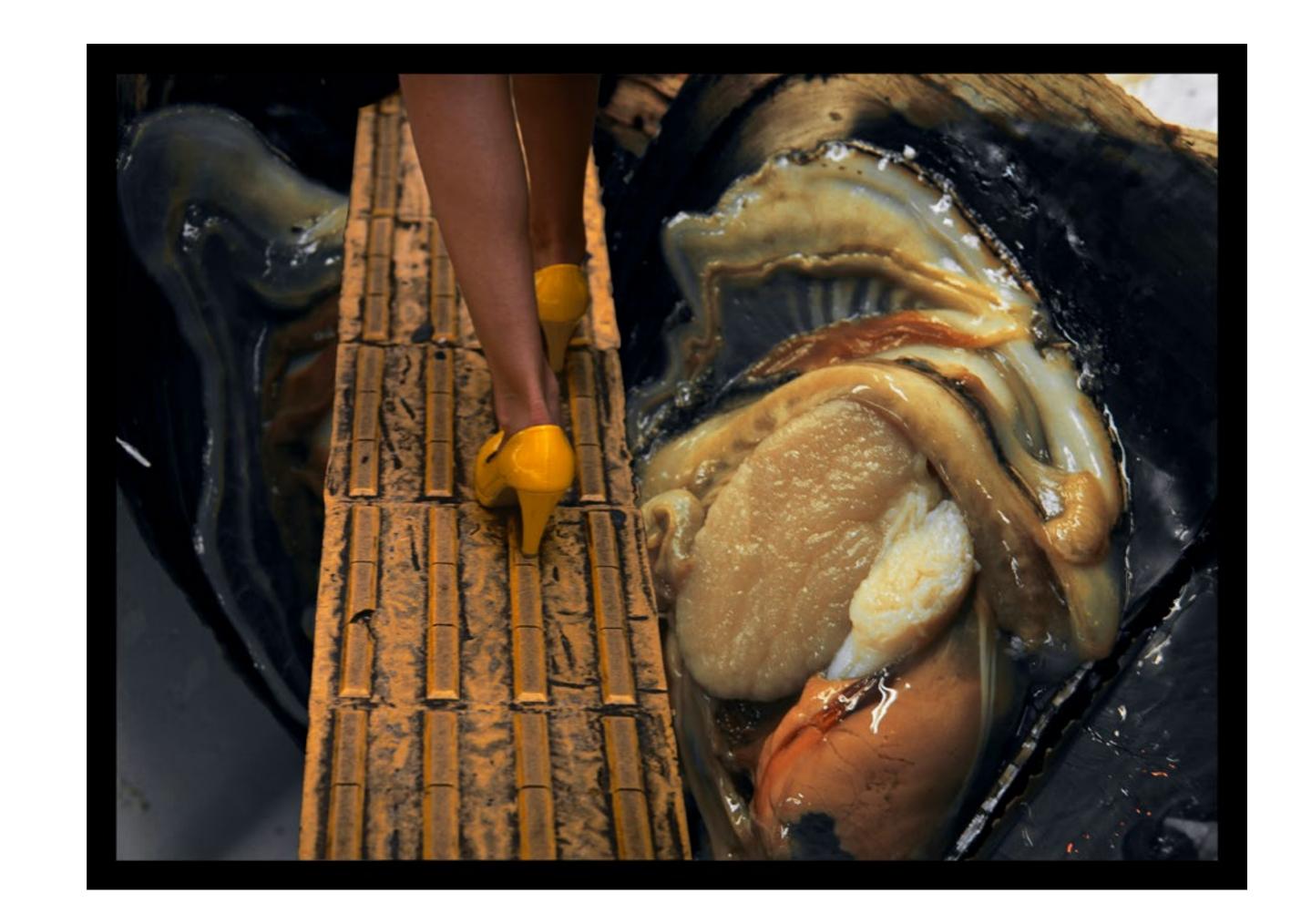
1984, São Paulo, SP, Brasil Vive e trabalha em São Paulo, SP

Regina Parra dedica-se à pintura, à fotografia e ao vídeo. Sua poética atual estabelece relações entre teatro, corpo e vulnerabilidade física. Investigando o erotismo como meio para criação de novas potências, a artista lida com temas como; opressão, insubordinação e resistência feminina.

Nos últimos anos realizou exposições individuais em: Galeria Millan, São Paulo, SP (2019, 2016); Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, Florianópolis, Brazil (2018); Pivô, São Paulo, SP (2014); Galeria Effearte, Milão, Itália (2012), Centro Cultural São Paulo, SP (2011); Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE (2010).

Participou de inúmeras coletivas, entre elas, destacam-se Beyond appearances - women looking at women, Kunstraum, Nova York, EUA (2020); Histórias Feministas, Museu de Arte de São Paulo – MASP, SP, Brasil (2019); BRAZIL, Knife in the Flesh, PAC Milano, Milão, Itália, (2018) e 8ª Mostra 3M de Arte no Largo da Batata, (2018); Sights and Sounds, The Jewish Museum, Nova York, EUA (2016); Encruzilhada, Parque Lage, Rio de Janeiro, RJ (2015); Cães sem Plumas, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, PE (2014); 17o Festival Internacional de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, Sesc Belenzinho, São Paulo, SP (2011); A Carta da Jamaica, Oi Futuro, Rio de Janeiro, RJ, À Sombra do Futuro, Instituto Cervantes, São Paulo, SP, e Grupo 2000e8, Sesc Pinheiros, São Paulo, SP (2010).

Foi premiada pela edital de ocupação da Fábrica de Arte Marcos Amaro, onde apresentou a exposição *Eu Me Levanto* (2018). Participou dos programas de residências artísticas Watermill Center, EUA (2020) e Residency Unlimited, Nova York, EUA (2018); em 2012 foi contemplada com o Prêmio de Videoarte da Fundação Joaquim Nabuco e indicada ao Prêmio de Artistas Emergentes, Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA.



Miguel Rio Branco Yellow shoes thinking of Max Ernst, 2007/2014 Impressão a jato Edição de 5 + 2 PA 110 x 155 cm

sobre Miguel Rio Branco

1946, Las Palmas de Gran Canaria, Espanha Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

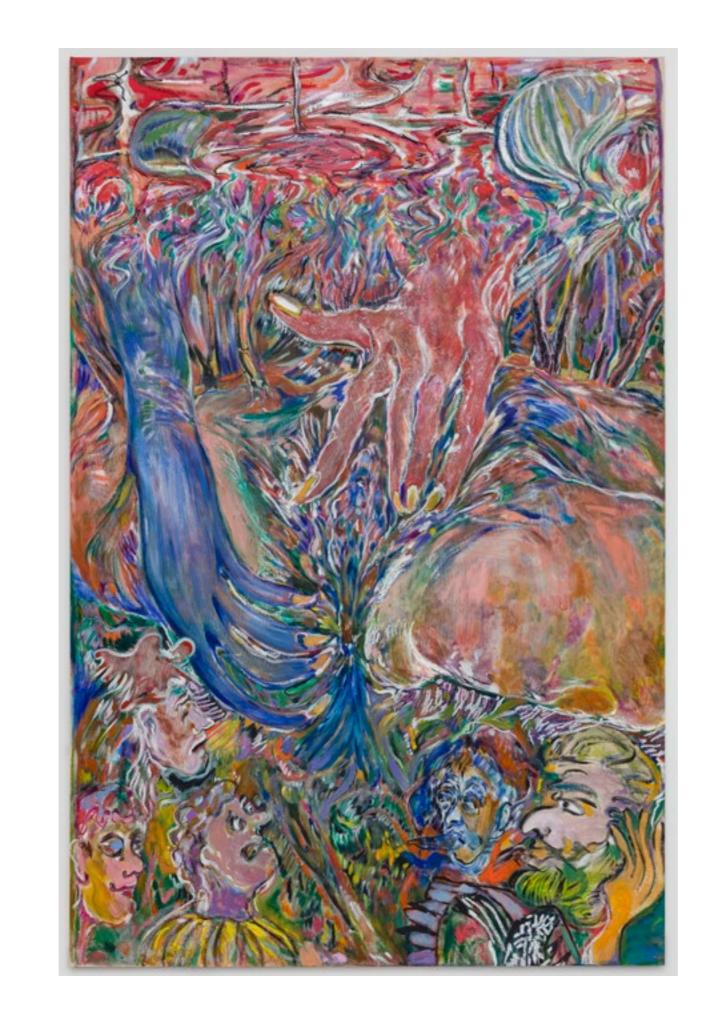
Nos últimos anos, Miguel Rio Branco participou de exposições individuais na França, na Espanha, no Japão, na Holanda, na Suécia e no Brasil. Possui, desde 2010, um pavilhão dedicado a sua obra em Inhotim (Brumadinho, MG). Realizou a exposição *Negativo Sujo* no Parque Lage, em 1978, que agregava uma interpretação poética a uma espécie de "fotodocumentarismo". Entre as exposições individuais recentes, destacam-se as realizadas em: *Le BAL*, Paris, França; Instituto Moreira Salles, São Paulo, SP (2020); Museu de Arte de São Paulo, SP (2017); Magnum Photo Gallery, Paris, França (2016); e Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP (2014).

Entre as coletivas, estão: The New MoMA, Museum of Modern Art, Nova York, EUA (2019); 33ª edição Bienal de São Paulo – Afinidades afetivas, SP; Maison Européene de la Photographie, Paris, França (2018); Troposphere, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017); Os Muitos e o Um, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP (2016); América Latina 1963-2013, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2013); Changing the Focus – Latin American Photography 1990-2005, Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA (2010); entre outras.

Rio Branco dirigiu curtas e longas-metragens desde a década de 1970, dentre os quais 14 curtas-metragens e oito longas. Entre estes, *Nada Levarei Qundo Morrer Aqueles que Mim Deve Cobrarei* no Inferno ganhou o prêmio de melhor fotografia no Festival de Cinema de Brasília, o prêmio especial do júri e o prêmio da crítica internacional no XI Festival Internacional de Documentários e Curtas de Lille, França, 1982.

Suas fotografias foram publicadas em diversas revistas, como Stern, National Geographic, Geo, Aperture, Photo Magazine, Europeo e Paseante. Miguel Rio Branco possui obras no acervo de coleções públicas, que incluem as seguintes instituições: MoMA - Museum of Modern Art, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ; Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP; Museu de Arte de São Paulo, SP; Centro Georges Pompidou, Paris, França; San Francisco Museum of Modern Art, Nova York, EUA; Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; Museum of Photographic Arts of San Diego, EUA; e Metropolitan Museum of New York, EUA.





Maya Weishof Noite estrelada, 2021 Óleo sobre linho 195 x 130 cm Photo: Ana Pigosso

sobre **Maya Weishof**

1993, Curitiba, PR, Brasil Vive e trabalha em São Paulo, SP, Brasil

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná - UFPR em 2016, Maya Weishof foi selecionada para o programa de residência artística de Zaratan Arte Contemporânea em Lisboa, Portugal, e também para o programa Novas Poéticas que incluiu estudantes de Artes Visuais de todo o Brasil.

Dentre suas exposições individuais, destacam-se: Espelho Espanto, Simões de Assis, e Primeiros Sóis, Auroras, São Paulo, SP, 2020; Os substitutos, Boiler Galeria, Curitiba, PR, 2019; Há sempre um corpo que sobra, com curadoria de Nathalia Lavigne, Zipper Galeria, São Paulo, SP, 2018. Integrou as mostras coletivas Female Voices of Latin America, MADC, Costa Rica e Eletric Dreams, com curadoria de Raphael Fonseca, Nara Roesler, Rio de Janeiro, RJ, 2021; Contigere, Cisterna Galeria, Lisboa, Portugal e Monster High, Olhão, São Paulo, SP, 2020; Dominó, com curadoria de Camila Bechelany, Casa da Luz, São Paulo, SP e Estamos Aqui!, com curadoria de Ana Rocha, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR, 2019; A Vastidão dos Mapas, com curadoria de Agnaldo Farias, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR, 2017; e Zaratan Open Studio, Zaratan, Lisboa, Portugal, 2016. Em 2021, seu trabalho passou a integrar a coleção do Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR.



Henrique Oliveira EXLP17, 2017 Óleo, papelão, cola, tela de arame sobre madeira 54 x 49 x 21 cm



Henrique Oliveira EXLP16, 2017 Óleo, papelão, cola, tela de arame sobre madeira 74 x 52 x 18 cm



Henrique Oliveira
EXLP15, 2017
Óleo, papelão, cola, tela de arame sobre madeira
48 x 30 x 19 cm

sobre Henrique Oliveira

1973, Ourinhos, SP, Brasil Vive e trabalha em Londres, Reino Unido

Henrique Oliveira realizou exposições individuais em espaços importantes, incluindo o Centro Cultural São Paulo, SP e Gifu Museum of Fine Arts, Gifu, Japão (2018); Galeria Van de Weghe, Nova York, EUA (2017); Galeria Millan, São Paulo, SP (2016); Galerie Georges-Phillipe & Nathalie Vallois, Paris, França (2015); Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP e Arthur Ross Gallery - Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, EUA (2014); Palais de Tokyo, Paris, França e Boulder Museum of Contemporary Art, Boulder, EUA (2011) entre outros.

O artista também participou de várias exposições coletivas, destacando as seguintes: Bruges Triennale, Bélgica; Ijssel Biennale, Holanda e Above Us Only Sky!, Nitja Centre for Contemporary Art, Lillestrøm, Noruega (2021); Pinacoteca: Acervo, Pinacoteca de São Paulo, SP (2020); Arte Sella, Borgo Valsugana, Itália e Un Été au Havre - Jardins Suspendu, Le Havre, França (2019); The End of the World, Centro Pecci, Prato, Italy and The Other Side – Narratives of the Unconscious, Wilhelm Hack Museum, Ludwigshafen, Alemanha (2017); XIII Bienal de Cuenca, Equador (2016); Crafted: Object in Flux, Museum of Fine Arts, Boston, EUA (2015); Momento fecundo, Domínio de Chaumont-sur-Loire, Chaumont-sur-Loire, France (2014); Inside Out and from the Ground Up, Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA (2012); Art in Brazil (1950 - 2011), Palácio de Belas Artes, Bruxelas, Bélgica and Artists in Dialogue 2: Sandile Zulu and Henrique Oliveira, Smithsonian National Museum of African Art, Washington, EUA (2011); e 29ª Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010).

Seus trabalhos estão incluídos em importantes coleções públicas, como a do Virginia Museum of Fine Arts, Richmond, EUA; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ; Coleção Museu Afro-Brasil, São Paulo, SP; Fundação Edson Queiroz - Universidade de Fortaleza, CE; Centro Luigi Pecci per L'Arte Contemporanea, Prato, Itália; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP; Queensland Art Gallery / Gallery of Modern Art – Brisbane, Austrália; e Voorlinden Museum, Wassenaar, Holanda, entre outros.



Feliciano Centurión Ciervo [Deer], 1994 Acrílica sobre cobertor 232 x 191 cm



Feliciano Centurión Sem título, 1993 Acrílica sobre cobertor 53 x 44 cm





Feliciano Centurión Jardín Japonés, 1996 Tecido costurado sobre cobertor e taffeta 55 x 64 cm



Feliciano Centurión Escarabajos verdes, s.d. Acrílica sobre cobertor 67 x 47 cm



Feliciano Centurión De la serie *Mirada*, s.d. Acrílica sobre cobertor 42 x 46 cm

sobre Feliciano Centurión

1962, San Ignacio de las Misiones, Paraguai – 1996, Buenos Aires, Argentina

Participou da 13th Shanghai Biennale – Bodies of Water (2021) e 5ª Bienal de Cuba (1992), e expôs na Maison de L'Amerique Latine, na França. Suas obras ganharam destaque na 33ª Bienal de São Paulo - Afinidades Afetivas (São Paulo, SP, 2018) que apresentou uma seleção de bordados e crochê em mantas, travesseiros e outros artigos íntimos de autoria do artista.

Centurión realizou exposições individuais como Feliciano Centurión: Abrigo, Americas Society, Nova York, EUA (2020); Feliciano Centurion: I am Awake, Cecilia Brunson Projects, Londres, Reino Unido (2019); Feliciano Centurión: The Intensities of Beauty, Cultural Centre of Spain Juan de Salazar, Assunção, Paraguai (2013); Previous Papers: sketches and drawings by Feliciano Centurión, Alberto Sendros Gallery, Buenos Aires, Argentina (2012); Feliciano Centurión, Galería Alberto Sendros, Buenos Aires, Argentina (2004).

Foi premiado com o Buenos Aires City Bank Foundation Award, Museo de Arte Moderno, Buenos Aires, Argentina (1996) e o New World Foundation Award, Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina (1994,1993, 1992).



Emmanuel Nassar

Arraial, 2008
Acrílica sobre chapa metálica
100 x 200 cm
Foto: Edouard Fraipont

sobre Emmanuel Nassar

1949, Capanema, PA, Brasil Vive e trabalha em Belém, PA, Brasil

Emmanuel Nassar formou-se em arquitetura pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1975. Realizou diversas exposições individuais, entre as quais: *EN: 81-18*, Estação Pinacoteca, São Paulo, SP (2018); mostras na Galeria Millan, São Paulo, SP (2016, 2013, 2010, 2008, 2005 e 2003); Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ (2013); Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, RJ (2012); Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, SP (2009); Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP; a retrospectiva *A Poesia da Gambiarra*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, e Brasília, DF (2003); e Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP (1998).

Entre as dezenas de mostras coletivas de que participou, destacam-se: Língua Solta, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, SP (2021); Potência e Adversidade, Pavilhão Branco e Pavilhão Preto, Campo Grande, Lisboa, Portugal (2017); Aquilo que Nos Une, Caixa Cultural Rio de Janeiro, RJ (2016); 140 Caracteres, Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP (2014); O Abrigo e o Terreno, Museu de Arte do Rio, RJ (2013); Ensaios de Geopoética, 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS (2011); VI Bienal Internacional de Estandartes, Tijuana, México (2010); Fotografia Brasileira Contemporânea, Neuer Berliner Kunstverein, Berlim, Alemanha (2006); Brasil + 500 – Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal de São Paulo, SP (2000); 6ª Bienal de Cuenca, Equador (1998); Bienal de São Paulo, SP (1998 e 1989); a representação brasileira na Bienal de Veneza, Itália (1993); U-ABC, Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; e a 3ª Bienal de Havana, Cuba (1989); entre outras.

Suas obras integram importantes coleções públicas, como a Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA, e Caracas, Venezuela; Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, e Rio de Janeiro, RJ; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ; Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP; e University Essex Museum, Inglaterra.

Contato

Rua Fradique Coutinho, 1360 | 1416, Pinheiros, São Paulo, SP 05416-011, Brasil +55 11 3031 6007 galeria@galeriamillan.com.br www.galeriamillan.com @galeria_millan.com

